



CAPA

SANATÓRIO GERAL

COM TEMER SALVO E NOVAMENTE COM PINTA
DE DECORATIVO, O DESVARIO NACIONAL APROFUNDA-SE
E TORNA A ELEIÇÃO (SE HOUVER) UMA INCÓGNITA,
E CANDIDATA AO RIDÍCULO

por ANDRÉ BARROCAL

Se fosse vivo e de carne e osso, não o protagonista de *O Alienista*, do genial Machado de Assis, que faria Simão Bacamarte no Brasil de Michel Temer? No conto, ele volta de Portugal e vai para Itaguaí, no Rio, na qualidade de pioneiro colonial em patologia cerebral. Os loucos eram internados em casa, narra a obra, mas Bacamarte resolveu tratá-los em um mesmo lugar. A ideia encantou a ve- reança e deu na abertura da Casa Verde,

financiada com a taxação de penachos de cavalos de cortejo fúnebre. O alienista logo enche o hospício: um fazedor de discursos acadêmicos pós-almoço, uma estrela-d'alva que passava o dia de pernas e braços abertos, um emprestador de dinheiro sem juros... “A ferocidade é o grotesco levado a sério”, teorizava sobre os tipos raivosos. Tantos foram os internados, que deu rebu em Itaguaí e o doutor termina por fazer a única coisa que lhe parecia sensata. Libera os pacientes, pois a loucura era normal, e torna-se um solitário na Casa Verde. Via em si todos os traços de um “acabado mentecapto”:

sagacidade, paciência, perseverança, tolerância, vigor moral, lealdade.

É provável que o doutor agisse de maneira semelhante diante da loucura que parece tomar conta da ex-colônia (Ex? A entrega do pré-sal a multinacionais na sexta-feira 27 aponta o contrário). O País tem no poder um senhor que acha que é presidente, mas agora é candidato a vice decorativo de Rodrigo “Botafogo” Maia, tem dificuldade para ir às ruas (3% de popularidade) e ao banheiro (obstrução urológica) e, quando deixar o cargo, precisará acertar contas com os tribunais por corrupção, chefia de quadrilha



Simão Bacamarte definiria Gilmar Mendes como “grotesco levado a sério”



Temer acha ser presidente, mas agora é candidato a vice decorativo do personagem ao lado



“Foi o último sacrifício por Temer”, disse Maia. Para muitos, ele é o CEO de que o Brasil precisa em 2018

NELSON JR./STF; EVARISTO SA/ AFP
LULA MARQUES/AGP/E SERGIO LIMA/ AFP





CAPA

e obstrução à Justiça.

Seu sucessor sairá de uma eleição em que o reacionário Jair Bolsonaro tem quase 20% nas pesquisas. Um apresentador de tevê, Luciano Huck, leva a sério suas pretensões e sussurra no “mercado” para sentir o pulso. Um ex-apresentador, João Doria Junior, só parana cidade que deveria governar para anunciar coisas como doação a mendigos de comida perto de estragar. Uma ex-presidenciável por duas vezes, Marina Silva, tem uns 15% e nenhuma opinião sobre coisa alguma. E o favorito, Lula, com uns 35%, vê-se ameaçado pelo “partido da Lava Jato”, este crente de que basta tirá-lo do páreo para completar o serviço. É, mas Lula não ficará quieto e acaba de avisar em uma entrevista a um jornal espanhol: “Hay miles de Lulas”. Isso tudo, claro, se houver eleição.

No comando do tribunal das eleições, o TSE, há um juiz que Bacamarte talvez catalogasse como “grotesco levado a sério”, Gilmar Mendes, dono de um humor duvidoso, no mínimo. Logo após o governo baixar uma regra cujo único objetivo é facilitar o trabalho escravo, Mendes comentou dar expediente “com prazer”, mesmo à exaustão. Para quem já engoliu, durante uma sessão, que possuía “capangas do Mato Grosso”, é natural. Imagine-se seu orgasmo de prazer ao abrir o contracheque pago com dinheiro público dentro do carão preto financiado pelos contribuintes: 42,5 mil mensais, entre STF e TSE, 40 vezes a renda *per capita* dos trabalhadores. Aliás, os negócios particulares do juiz-empresário vão de vento em popa. Um de seus filhos acaba de botar 12 milhões de reais no IDP, a escola de Mendes.



Raquel Dodge definiu Geddel “chefe de organização criminosa”. Renan Calheiros comentou: “O chefe era ou Tro”, com T de Temer

Segundo um relatório da Polícia Federal, Mendes manteve 43 ligações por WhatsApp com o encrengado senador Aécio Neves, do PSDB, entre março e maio. Uma delas durou oito minutos. Ah, mas não importa que o juiz cuide de processos de Aécio no STF, como um em que mandou suspender um depoimento do tucano à PF um dia após uma das chamadas. Para ele, o inimputável, é tudo “focagem”, “assanhamento”, “abuso de autoridade”. Ilustra bem por que o colega de Supremo Alexandre de Moraes afirmou outro dia, no Rio, que hoje juiz da Corte apanha “mais que jogador de futebol”.



Alckmin fica longe de Temer: “São Paulo só recebeu verba federal até Dilma Rousseff”

Os fazendeiros defendidos por Mendes provavelmente estariam na primeira lista de internados de Bacamarte. Perderam a vergonha de parecer escravocratas. Um expoente da bancada e conterrâneo de Mendes, Nilson Leitão, do PSDB, propôs não fazer muito tempo que teto e comida fossem aceitos como pagamento a campões. Senzala, em outras palavras. Esse pessoal aí encontrou em Temer o homem ideal para arrancar concessões, posto que

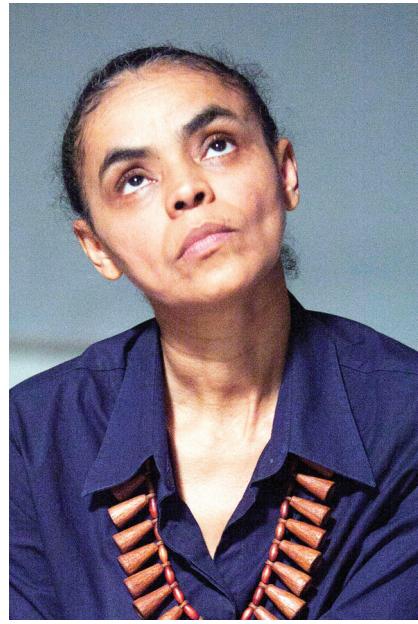
está nas cordas, por causa das “flechadas” da Procuradoria-Geral da República. Antes da votação da primeira, em agosto, Temer perdoou 8 bilhões de reais em dívidas rurais com a Previdência.

Aportaria da escravidão foi baixada pelo ministro do Trabalho, Ronaldo Nogueira, às vésperas da votação da segunda “flechada”. Foi suspensa por uma liminar da ministra do STF Rosa Weber, para quem a “escravidão moderna” tem métodos sutis, mas Nogueira não quis nem saber: “Não revogo”. Temer assinou ainda um decreto com o perdão de 60% das multas ambientais, permutadas por prestação de serviços. O que será que acha disso a realeza da Noruega? Quando o presidente esteve por lá, em junho, e chamou o país de Suécia, o anfitrião cortou parte de suas doações a um fundo de preservação da Amazônia, devido à alta do desmatamento.

Com o festival de benesses aos deputados, o presidente triunfou na quarta-feira 25, quando a Câmara dos Deputados mais corrupta e patronal da história brasileira proibiu o Supremo de jul-

gá-lo pelas acusações de liderar uma quadrilha no PMDB e de obstruir a Justiça no

JOEDSON ALVES/ESTADÃO, CONTEÚDO FÁBIO GUINALDI, MARCELO CAMARGO/ABR
FOTOGRAFIA, LEONARDO SOARES E MARCELO



escândalo Friboi. Já havia feito o mesmo em agosto, na acusação de corrupção pela mala de 500 mil reais em propina e agora mereceu os elogios por Mendes, que viu grande “maturidade institucional”.

Foi uma decisão tão saborosa quanto aquela de 2 de agosto, um filé de frango de hospital. Nas ruas do Brasil, nada de protestos: houve na véspera um ato de artistas no Rio, e só. Idem em volta do Congresso, de acesso fechado e protegido por policiamento da pesada. As galerias do plenário da Câmara estavam abertas ao público dessa vez, mas só jornalistas e uns curiosos passaram por ali. Os 75% dos brasileiros que acham o governo ruim ou péssimo deviam ter coisa melhor para fazer naquele dia, talvez. Ou preferiram ver tevê pela web. Algum outro diagnóstico, doutor Bacamarte? A Globo transmitiu a votação em si, quando cada deputado foi ao microfone se posicionar, processo que durou das 18h16 às 21h34, findo a tempo de o canal emendar jogos da Libertadores e da Copa Sul-Americana. Aliás, a emissora foi homenageada pelo deputado-bufão Wladimir Costa, do Solidariedade, radialista do Pará símbolo da primeira salvação de Temer com uma *tattoo* de mentirinha do ídolo no ombro: “Rede Globo, engole,

LUCIANO HUCK CUIDA DE SASSARICAR NO MERCADO, A MOSTRAR SERVIÇO DESDE JÁ. MARINA TEM 15% NAS PESQUISAS E NENHUMA OPINIÃO

porque o Temer não treme na tua frente!”

O placar trouxe certa emoção. Temer não conta mais com a maioria da Câmara, fonte de seu poder. Afinal, foram 251 votos a seu favor, menos que os 257 da maioria absoluta. Menos também do que tivera em 2 de agosto (263). O governo foi desta para a pior, falta enterrar, pena o velório ainda levar – parece – 14 meses. Às vésperas da votação, Rodrigo Maia comentava que barrar a denúncia seria o último sacrifício feito pelos deputados em nome de Temer, depois disso seria cada um por si, de olho na eleição. Adeus impopularidades, como a reforma da Previdência, nada de colar à imagem do impopularíssimo presidente. Se daqui para a frente

entornar o caldo do ex-ministro Geddel Vieira Lima, o Boca de Jacaré do *bunker* de 51 milhões de reais, e sobrar para Temer, a situação ficará complicada para o presidente, na visão de Maia.

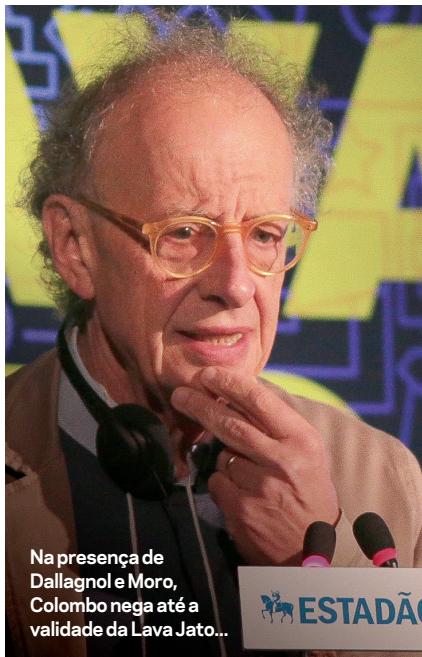
Da Procuradoria acaba de emanar um sinal dúbio para o Palácio do Planalto. Ao opinar perante o STF para o baiano continuar preso, Raquel Dodge classificou-o de “chefe de organização criminosa”. Se a PGR acha isso, o ex-ministro não poderá fazer delação, proibida a *capi*. Ou então terá de entregar algo bem concreto contra alguém que possa ser tachado de chefe em seu lugar. Humm, quem? Renan Calheiros, o megaprocessado senador do PMDB de Alagoas, deu irônica pista através do Twitter: “Engraçado... Nunca soube que Geddel era o chefe. Para mim, o chefe dele era outro”. E completou, em seguida “...era ou Tro”. Assim, com o “T”, de Temer, em maiúsculo.

Para salvar T, os deputados usaram os mesmos argumentos de agosto. Porque tirar Temer seria beneficiar Lula e o PT, porque a economia volta aos trilhos, melhor não provocar solavancos, porque a próxima eleição está logo ali, e por aí vai. A novidade foi um jogral a repetir: li a denúncia do ex-PGR Rodrigo Janot, é forte, contundente, mas não traz nada concreto contra Temer, é inepta, criminaliza a política. Até o líder do PT, o paulista Carlos Zarattini, disse coisa parecida (Janot “criminalizou a política”), após pregar a interrupção de um governo “que a cada proposta leva o Brasil para o buraco”. “Fiquei encantado com seu relatório”, comentava na véspera, entre tosses, o veterano mineiro Mauro Lopes, 81 anos, do PMDB, ao lado do autor do parecer pró-Temer, seu conterrâneo tuano Bonifácio Andrada, de bengala aos 87 anos. Lopes é deputado desde 1995 e perguntou ao colega, o mais antigo (desde 1979): “Como é esse negócio de quórum de 342?” Se não aprendeu até agora...

O PSDB de Andrada foi mais uma vez



CAPA



o partido mais desnorteado, sua marca desde o estouro do escândalo Fribol. Poderia sediar a Casa Verde do doutor Bacamarte. Deu 23 votos contra Temer, apesar de controlar quatro ministérios, e 20 a favor. Em agosto, haviam sido 22 a 21 para o presidente. Antes, o líder Ricardo Tripoli, de São Paulo, tinha mandado votar contra o governo, agora liberou a bancada para cada um fazer o que quiser. O tucanato é ninho do chefe da articulação política do Planalto, o deputado baiano Antonio Imbassahy, que voltou à Câmara com outros nove ministros para defender o presidente. A ala ligada a Aécio Neves, que não quer largar o comando do PSDB de jeito nenhum, agora que pode circular de novo à noite pelas ruas do Leblon, postou-se com o presidente. Já a turma de São Paulo, afinada com o governador Geraldo Alckmin, de novo votou em peso para Temer ser processado.

Em seus planos presidenciais, Alckmin quer distância de Temer. Alguns de seus secretários passaram por Brasília, na segunda-feira 23, para pedir dinheiro de emendas e se mandaram logo, sem ficar para qualquer contato com eventual emissário do Planalto. A interlocutores o governador queixa-se de que seu estado só recebeu verba federal até Dilma Rousseff,



a torneira de Temer abre apenas para o prefeito Doria Junior, a quem o presidente visitara logo após escapar da primeira “flechada”. Para Alckmin, PMDB e PSDB estão mortos para a eleição de 2018, mas o PT não. Será esse o motivo de lances peculiares? Outra de Bacamarte: o homem do Opus Dei quer tornar-se palatável à esquerda. Há alguns dias, foi a um evento de uma ala interna do PSDB, a “Esquerda Pra Valer”, e tascou: “O *laissez-faire*, esse liberalismo completo, é a incivilização, porque é o grande comer o pequeno,



Machado de Assis, o inegotável profeta

o forte massacrar o fraco”. O Geraldo é experiente, deve saber o que faz. Mas lá no Planalto o pessoal não esquece. A vingança é um prato que se come frio”, comenta um deputado tucano temerista.

Este é um tucano inquieto. Vê raixa acumulada no eleitorado e que elas desaguará nas urnas em 2018. “Eai pode dar qualquer porcaria: Bolsonaro, Huck, Doria... Lula...” Bolsonaro conversou dias desses com gente do “mercado” interessada em saber se poderia capturá-lo para o neoliberalismo. Deve ter sido divertido. Se fosse presidente, disse, faria uma auditoria na dívida pública, o País paga juros demais. Teve de ser contido por um dos filhos. Será por isso que a *Veja* acaba de estampar na capa “A ameaça Bolsonaro”? Tucano, Huck é outro que tem conversado com o “mercado” sobre o que ele pode fazer pelo Brasil. Arminio Fraga, ex-Banco Central, faz as vezes de seu “apresentador”. “Este país entrou numa loucura tão grande, que o Bolsonaro com alguns segundos de tevê pode ir para o segundo turno”, diz o analista de Congresso de uma das grandes do “mercado”. “Daqui a pouco vou ter de incluir o Huck nas minhas análises...” “Espero que não chegemos a isso

DARIO OLIVEIRA/ESTADÃO CONTEÚDO, HÉLVIO ROMERO/ESTADÃO CONTEÚDO, RICARDO STUCKERT E MARC FERREZ



(Huck)", ironiza um deputado alckmista. "Ele pode ser um novo Doria, a cópia de algo que não deu certo."

Haverá quem enxergue em Huck uma espécie de Berlusconi nativo, aquele que emergiu para a política depois da Operação *Mani Pulite*, musa inspiradora da Lava Jato. Comparação arriscada, mesmo porque Berlusconi não era apresentador de tevê, era dono mesmo, e de três canais. Um dos magistrados que participaram da Mão Limpa acabou de passar pelo Brasil. Gheraldo Colombo acredita que, "se tivéssemos feito o mesmo que a Lava Jato, nós é que estariamos presos". Em um evento do *Estadão* na terça-feira 24, afirmou: "Olhando retrospectivamente hoje, podemos entender que a corrupção na Itália não diminuiu absolutamente". Foi uma das razões para ele ter deixado a magistratura em 2007, certo de que não se combate corrupção pela via judicial, e sim pela educação. Será que o juiz Sergio Moro e o procurador Deltan Dallagnol, chefe da força-tarefa de Curitiba, gostaram do que ouviram? A dupla estava no evento, um debate sobre o paralelismo das duas investigações.

Os organizadores devem ter adorado Colombo. Sim, pois o *Estadão* agora é outro. Quando ainda era PGR, Janot certa vez foi abordado por um repórter do jornal na saída de um restaurante em Brasília, à noite, e comentou: "Seu jornal era a favor da Lava Jato quando era com a Dilma, agora com o Temer é contra". Curiosamente, no mesmo dia do evento, o periódico publicou um editorial intitulado "O partido da Lava Jato", aatacar a politização das investigações, cujos condutores, caso de Dallagnol, pregam renovação na política, voto consciente etc. Deselegância com o convidado, hein... A turma de Curitiba reagiu. Chamou de "equivocada" a caracterização de partidária e apontou tentativa de "amordascar" o Ministério Público.

"Depois dizem que a Lava Jato está



combatendo a corrupção, que está moralizando este país, que quer combater a corrupção. Se ela quisesse combater a corrupção, não tinha essa corrupção campeada no Congresso", disse Lula, na quinta-feira 26, em uma caravana por Minas, a tachar de "absurda" a blindagem de Temer pelos deputados. Sondagens internas do PT mostraram-no com 47% dos votos em Minas. Mas ele será mesmo candidato? Haverá eleição? "Não sei o que vai acontecer no ano que vem", comentou em outro momento da caravana. No Congresso, surgiu uma ideia para salvar a candidatura dele, em caso de inabilitação judicial: aprovar um decreto de anistia.

**"NÃO SEI O QUE VAI
ACONTECER EM 2018",
DISSE TAMBÉM
O EX-PRESIDENTE.
EM MINAS ELE TEM 47%
DOS VOTOS**

**"Dizem que a Lava Jato combate a corrupção, mas a corrupção a campear no Congresso?":
Lula usa o trombone na caravana por Minas**

Os parlamentares teriam coragem de rejeitar, ali perto da eleição, uma proposta a beneficiar o líder nas pesquisas?

Mas, daqui até lá, o Brasil vai de Michel Temer, que tem tudo para voltar a ser decorativo. É o que tem delicadamente dito um de seus vice-líderes na Câmara, Rogério Rosso, do PSD do Distrito Federal. Para ele, é hora de Maia "CEO", o homem que bota a mão na massa, e Temer, chefiar o Conselho de Administração, ali longe. Maia é um tipo curioso. Neoliberalíssimo, acha que a Justiça do Trabalho deveria ser fechada, mas topou discursar em uma sessão solene realizada na terça-feira 26 pela Câmara em memória dos 100 anos da Revolução Russa. O deputado do PSOL Chico Alencar, um dos propONENTES do ato, comentou com o número 2 da Embaixada da Venezuela, Gerardo Antonio Delgado Maldonado: "Como vocês gostam de fazer eleição por lá... Agente queria fazer umazinha aqui..."

Mas haverá eleição normal em 2018? E aí, doutor Bacamarte, qual o prognóstico?